



INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
162	Investigação científica nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-391-0 DOI 10.22533/at.ed.910191806 1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série. CDD 300.72
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas - Parte 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face à de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares. Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS SOB ANÁLISE: PENSANDO AURORAS POSSÍVEIS	
Lorena Santos da Silva Paula Côrrea Henning	
DOI 10.22533/at.ed.9101918061	
CAPÍTULO 2	11
A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN	
Eduarda Aleycha Luciano Santana Paula Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9101918062	
CAPÍTULO 3	23
A GEOPOLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS NA “DOCTRINA TRUMP” E A ORDENAÇÃO MUNDIAL	
Matheus Seiji Bon im Takiuchi	
DOI 10.22533/at.ed.9101918063	
CAPÍTULO 4	35
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Paula Scherer Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9101918064	
CAPÍTULO 5	46
SEXUALIDADE E SUAS ARTICUÇÕES NO ESPAÇO DE ENSINO APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9101918065	
CAPÍTULO 6	61
A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO CÊNICO NA CENA SHAKESPEARIANA: IMPASSES DA MONTAGEM DO HAMLET DO TEATRO DE ARTE DE MOSCOU	
Edilaine Dias	
DOI 10.22533/at.ed.9101918066	
CAPÍTULO 7	73
A OBRA SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE: COMO REFLEXO DA CRISE RELIGIOSA ENTRE REFORMADOS E CATÓLICOS NO SÉCULO XVI	
Raimundo Pedro Justino de Orlanda Ideusa Celestino Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9101918067	
CAPÍTULO 8	85
A PARADIPLOMANIA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES	
Lucas Lima Da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9101918068	

CAPÍTULO 9	98
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA: UM ESTUDO SOBRE ESCOLAS ESTADUAIS	
Letícia Prevideli Scarabello Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.9101918069	
CAPÍTULO 10	107
APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DE RECURSOS LÚDICOS: UM ESTUDO VOLTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
Andressa Nunes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.91019180610	
CAPÍTULO 11	116
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE DROGAS EM MULHERES QUE CONVIVEM COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	
Ana Maria Kuse Cassandra Borges Bortolon	
DOI 10.22533/at.ed.91019180611	
CAPÍTULO 12	130
ATIVIDADE EXTRATIVISTA MADEIREIRA E URBANIZAÇÃO NO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972)	
Luísa Dias Silva Márcio Soares Santos	
DOI 10.22533/at.ed.91019180612	
CAPÍTULO 13	139
COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR ATORES DO TURISMO: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA UNESP – CAMPUS DE ROSANA	
Guilherme Henrique Barros de Souza Elisama de Souza Franco Leticia Sabo Boschi	
DOI 10.22533/at.ed.91019180613	
CAPÍTULO 14	151
CRIATIVIDADE: CAMINHOS, DESVIOS E RETOMADA	
Maria Luiza Ramos Tonussi Eliane Patricia Grandini Serrano	
DOI 10.22533/at.ed.91019180614	
CAPÍTULO 15	163
DESPERTANDO UM OLHAR GEOGRÁFICO E AMBIENTAL NOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA E.E. JOSEPHA CUBAS DA SILVA SOBRE A CANALIZAÇÃO DOS CORPOS HÍDRICOS	
Fábio César Martins Thiago José de Oliveira Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.91019180615	

CAPÍTULO 16	175
DOM VITAL E A QUESTÃO RELIGIOSA NO SEGUNDO REINADO	
Rodrigo Dantas de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180616	
CAPÍTULO 17	194
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BICA DO IPU, CEARÁ: DESAFIOS PARA A BUSCA DE SUSTENTABILIDADE	
Francisca Lusimara Sousa Lopes	
Vanda Claudino Sales	
DOI 10.22533/at.ed.91019180617	
CAPÍTULO 18	198
EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA AOS TRABALHADORES DO PROJETO PROFISSÃO CATADOR DA UNICRUZ: ORGANIZANDO SABERES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	
Ieda Márcia Donati Linck	
Esther Teixeira Carvalho	
Ane Elise de Souza Fiuza	
DOI 10.22533/at.ed.91019180618	
CAPÍTULO 19	211
EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO ATRAVÉS DO MODELO DE NEGÓCIO CANVAS	
Cláudia Rafaela Schneiders	
Roberto Schuster Ajala	
Luciana Scherer	
Lucas Ivan Grimm	
DOI 10.22533/at.ed.91019180619	
CAPÍTULO 20	227
ESCOLA SEM PARTIDO: LUTA IDEOLÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR	
Eduardo Danilo Ribeiro dos Santos	
Aparecida Maria Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180620	
SOBRE A ORGANIZADORA	237

A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN

Eduarda Aleycha Luciano Santana

Faculdade de Ciências e Letras UNESP-FCLAr
Araraquara – SP

Paula Ramos de Oliveira

Faculdade de Ciências e Letras UNESP-FCLAr
Araraquara – SP

RESUMO: Ao longo do tempo, várias foram as visões distorcidas que foram se desenvolvendo acerca da criança e da infância e, algumas delas, percorrem até os dias atuais. Possuímos, na maioria das vezes, uma visão romantizada do ser criança. Dessa forma, geralmente pensamos que ela (criança) é alheia ao mundo, pequena demais para compreender certas coisas, além de pensarmos que só sabe brincar. O adulto considera conhecer deveras a criança. Entretanto, através do estudo das obras do filósofo alemão Walter Benjamin podemos compreender que o adulto, geralmente, possui uma visão equivocada sobre ela. Assim, se aspiramos conhecer melhor o universo infantil precisamos dar voz às crianças, precisamos ouvi-las. Nesse sentido, Benjamin nos descortina uma nova visão do ser criança e, seu maior ensinamento, a nosso ver, é que não devemos subestimar a capacidade de compreensão dela.

PALAVRAS-CHAVE: Walter Benjamin, criança,

experiência.

THE EXPERIENCE OF BEING A CHILD IN WALTER BENJAMIN

ABSTRACT: Over time, several distorted visions have developed over the child and childhood, and some of them go on to the present day. We have, in most cases, a romanticized view of being a child. Therefore, we generally think that she/he (child) is a foreign to the world, too small to understand certain things, besides thinking that she/he only knows how to play. The adult really considers to know the child. However, through the study of the German philosopher Walter Benjamin's works we can understand that the adult usually has a misconception about it. Thus, if we aspire to know the children's universe better we need to give voice to the children, we need to listen to them. In this regard, Benjamin reveals a new vision of being a child, and his greatest teaching, in our view, is that we should not underestimate his/ her capacity for understanding.

KEYWORDS: Walter Benjamin, child, experience.

1 | INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa intitulada *A experiência de ser criança em Walter Benjamin* tem por objetivo mapear, nas obras do referido autor, a visão de criança que nelas existem. Para atingir tal finalidade foram escolhidas três obras de Benjamin que falam, de modo geral, sobre a criança e a educação, sendo elas *A hora das crianças narrativas radiofônicas* (2015), *Infância berlinense: 1900* (2013) e *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2009). No decorrer da pesquisa foi percebido a necessidade de compreender, a priori, a vida do autor para então compreender sua obra, dessa forma, foi acrescentado também, como bibliografia, o livro *Walter Benjamin: uma biografia* (2017) de Bernd Witte. Os livros acima citados nos permitiram observar o quão sensível era o olhar de Benjamin para com o universo infantil. Em vários de seus textos o autor nos mostra uma visão crítica das instituições de ensino que nos permite compreender o quanto esses ambientes eram e ainda são rígidos, punitivos, extenuantes e sem sentido para as crianças. Nesse sentido, podemos dizer que Benjamin vai no contrafluxo da sua época nos descortinando assim uma outra e nova visão do ser criança.

Acreditamos que seja importante ressaltar como a imagem da criança é apresentada em cada uma das obras do referido autor, dessa forma, observamos que na obra *A hora das crianças: narrativas radiofônicas* Benjamin fala para as crianças; já na obra *Infância berlinense: 1900* a criança é a infância do próprio autor; e por fim, na obra *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* Benjamin nos fala sobre a criança. Através dessas obras, procurou-se entender o que é falar com crianças para o autor, como este fala com elas e quem é, portanto, essa criança para ele.

Consideramos ser de suma importância nos dias atuais encontrar novas formas de enxergar e de entender a infância e o ser criança. O mundo infantil, geralmente em nossos tempos, é silenciado e interpretado de forma um tanto equivocada, as crianças são vistas como seres estranhos e distantes e, o que muito não sabem e que Benjamin através de suas obras nos faz entender, é que precisamos adentrar no mundo delas, dar voz a elas, para assim poder compreender verdadeiramente esse mundo que para nós é estrangeiro.

2 | BENJAMIN: VIDA

Segundo Witte (2017) Walter Benjamin (1892-1940) nasceu em Berlim na Alemanha em uma família de comerciantes abastados. Estudou filosofia com o neokantiano Heinrich Rickert. Benjamin em sua juventude, de acordo com Witte (2017), se horrorizou com as péssimas condições em que as crianças eram tratadas nas instituições escolares, dessa forma, ele era um entusiástico defensor da reforma escolar possuindo assim um veemente engajamento pelas causas estudantis. Nessa época Benjamin se ligou a ala radical do Movimento da Juventude, como também, fundou o Espaço de Conversação.

Ao longo de sua vida Benjamin, de acordo com Witte (2017), passou por várias frustrações e decepções, como por exemplo, a morte de seu grande amigo e poeta Heine que se suicidou por desespero diante os horrores da primeira Guerra Mundial, a recusa de sua tese de livre docência, seus amores não correspondidos, suas constantes dificuldades financeiras, que estavam relacionadas ao seu *métier* de intelectual, e suas dificuldades em publicar seus trabalhos.

Acreditamos que seja importante ressaltar que Benjamin vivenciou os horrores da primeira Guerra Mundial, como também, a subida ao poder dos nacional-socialistas e a iminência da segunda Guerra Mundial. Como sabemos esse período histórico foi bastante conturbado e caracterizado por um intenso antissemitismo, mas, nesse cenário, mesmo sendo judeu, Benjamin se arriscou para proteger seus trabalhos lutando por eles mesmo diante a ameaça de sua própria existência.

No final de sua vida as coisas começaram a ficar cada vez mais difíceis. Em 1939 Benjamin foi preso em um campo de triagem e depois enviado ao *camp des travailleurs volontaires* (campo de voluntariado) - conseguindo ser libertado apenas no final desse ano. Após sua libertação, Benjamin, de acordo com Witte (2017), voltou a Paris e decidiu dar sequência na elaboração de um de seus trabalhos, o que nos mostra novamente o quão isso era importante para ele. Entretanto, em 1940 vendo que a situação neste local estava ficando cada vez mais complicada, ele tentou entrar na Espanha ilegalmente, junto com um grupo de fugitivos, através dos Pirineus, mas como nenhum possuía o visto de saída da França todos foram rejeitados na fronteira espanhola. Dessa forma, na noite de 26 para 27 de setembro Benjamin se suicidou em Portbou com uma overdose de morfina. Segundo Witte (2017), ele já havia outras vezes pensado em se suicidar tendo por motivos a situação política da Alemanha, sua condição econômica e também o sentimento de já ter vivido uma vida plena.

Em suma, Benjamin lutou por aquilo que acreditava mesmo sob condições desfavoráveis. Seus trabalhos eram tudo o que mais lhe importava. Para ele, a nosso ver, as instituições de ensino têm de ser reformadas, já que, devem ser o *locus* de emancipação e não de reprodução. Dessa forma, os estudantes devem ser vistos de uma forma diferente pelos adultos, precisam ser ouvidos por eles, já que, tem muito a ensiná-los. Nesse sentido, acreditamos que Benjamin defende a ideia de que tanto as crianças como os jovens possuem a capacidade de compreender e refletir sobre o mundo que os cercam.

3 | O SER CRIANÇA EM BENJAMIN

Após essa contextualização que, a nosso ver, é de suma importância, discutiremos o conceito de experiência para esse autor. Segundo Larrosa (2002), experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca e que ao nos passar nos forma e nos transforma. Nesse sentido, podemos afirmar que a experiência é algo particular/subjetivo, irrepetível e imprevisível. A experiência nos afeta de algum modo,

nos deixa marcas, portanto, não somos mais os mesmos depois de passar por ela. Benjamin em seu texto *Experiência e pobreza (1987)* afirma que já em sua época as ações da experiência estavam em baixa, ou seja, as pessoas estavam cada vez mais pobres nesse sentido. Suas considerações são muito atuais, já que, como nos diz Larrosa (2002), vivemos em um mundo onde se passam tantas coisas, no entanto, a experiência é cada vez mais rara.

Acreditamos que Benjamin, defendia a concepção de experiência acima explicitada. Dessa forma, em seus programas radiofônicos ele procurou refuncionalizar o rádio dando a ele um caráter formativo e não alienador, já que, problematizava os conhecimentos que transmitia fazendo com que seus ouvintes obtivessem uma visão própria sobre determinado assunto, além de possibilitar que estes fossem “atravessados” por suas experiências. Dessa forma, consideramos que é possível aprendermos com a experiência do outro quando ela, de algum modo, é por nós revivida e incorporada, mas para que isso ocorra, é preciso estar aberto e receptivo ao novo. Nesse sentido, Benjamin em seu artigo *O narrador (1987)* nos diz que podemos compartilhar nossas experiências através da narrativa, bem como, podemos por meio dela intercambiar experiências, entretanto, o mesmo autor afirma que essa arte de narrar, já em seu tempo, estava em vias de extinção.

A fim de compreender mais a fundo essa questão da experiência e da narrativa consideramos que seja importante falarmos, nesse momento, sobre a obra de Benjamin intitulada *A hora das crianças: narrativas radiofônicas (2015)*. Segundo Witte (2017), entre os anos de 1929 a 1932, Benjamin apresentou programas endereçados a crianças e jovens em emissoras de rádio de Berlim e Frankfurt. Acreditamos que o objetivo de suas narrativas era o de apresentar a grande Berlim aos pequenos. O que nos tocou profundamente foi o fato de que mesmo vivendo em um clima de tristezas, devastações, conflitos e perseguições, Benjamin procurava apresentar às crianças o que havia de belo em sua cidade natal, narrando suas experiências acerca do quão maravilhoso é ser berlinense. Todavia, ele também se preocupava em “apresentar” o mundo as crianças como ele é de veras: se por um lado há maravilhas, por outro há guerras e conflitos. A nosso ver, esse lado “sombrio” da humanidade é velado as crianças, na maioria das vezes, em nossa sociedade nos dias atuais. Benjamin, ao contrário, acreditava que esse lado deve ser mostrado a elas também. Vejamos a citação a seguir:

Talvez seja aí que tenham se enganado. As crianças querem evidentemente conhecer tudo. E se os adultos só mostram a elas o lado bem comportado e correto da vida, elas logo vão querer conhecer o outro lado por si mesmas. (BENJAMIN, 2015, p. 98-99).

Portanto, consideramos que seja necessário narrar aos pequenos os dois lados da vida. Acreditamos que, o autor em questão, via o adulto como mediador entre a criança e o mundo, sendo ele, através das experiências que já teve, o apresentador

da vida a elas.

As narrativas radiofônicas de Benjamin, a nosso ver, eram realizadas em forma de diálogo no sentido de que ele estimulava seus ouvintes a pensarem sobre determinados assuntos, para que, ao final do programa pudessem formar uma concepção própria sobre o tema discutido. É nesse sentido que dissemos acima que Benjamin deu ao rádio um caráter formativo e não alienador. Portanto, acreditamos que essa forma de apresentar seus programas está muito relacionada com o conceito de formação de Theodor Adorno. Segundo esse sociólogo, a formação se dá por meio da discussão e problematização de conceitos, em que, cada indivíduo, a partir disso, desenvolve uma ideia/concepção própria acerca de um determinado assunto. Vejamos a citação a seguir:

[...] a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problematicamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito. (ADORNO, 1955, p. 80).

Portanto, consideramos que nos programas radiofônicos de Benjamin há elementos formativos tal como entende Adorno, já que o autor problematiza os conhecimentos discutidos, bem como estimula sempre seus ouvintes a procurarem saber mais sobre as temáticas. Dentre alguns exemplos, podemos citar o programa em que Benjamin fala sobre a autêntica história das bruxas. O autor, nesse programa, desconstrói toda uma visão de bruxas transmitida, geralmente, às crianças, além disso, ao final indica a leitura de *Macbeth* de Shakespeare: “Mas se vocês quiserem um esboço rápido, de certo modo uma introdução à vida das bruxas, então vocês devem se dedicar à leitura da peça “Macbeth”, de Shakespeare.” (BENJAMIN, 2015, p. 133). No programa sobre os Ciganos, Benjamin indica a leitura da *Canção dos Ciganos* de Goethe afirmando que esta lhe trará conhecimentos a mais acerca da temática explorada. Deste modo, consideramos que o autor acreditava no potencial de compreensão das crianças, estas podem e devem saber de tudo e, nesse sentido, elas conseguem sim ler clássicos como Shakespeare e Goethe. Assim sendo, podemos concluir que Benjamin:

[...] pretendia utilizar o aparato da reprodução técnica para se contrapor ao “crescimento desmedido de uma mentalidade de consumidores”, estimulando o ouvinte à produção independente através da forma dos programas. Um rádio assim refuncionalizado, transformado em *medium* dialógico, deveria essencialmente ultrapassar a “separação entre realizador e público”, tornando-se com isso o modelo de uma nova “arte popular”. (WITTE, 2017, p. 93 *apud* TIEDEMANN; SCHWEPPENHÄUSER, 1972-1982, p. 1506-1507 e 638).

Como vimos acima, o autor, em seus programas, estimulava os ouvintes a pensarem de forma independente. O que nos chamou muito a atenção foi o fato dele realmente estabelecer um diálogo com as crianças nesse espaço. Benjamin procurava

pensar como seu público. Nesse sentido, em várias perguntas endereçadas às crianças ele, tentando pensar como elas, acabava respondendo com base no que acreditava que seria a resposta dada. Podemos observar esse diálogo no programa sobre Nápoles no qual Benjamin diz:

Quando alguém fala em Nápoles, no que vocês pensam imediatamente? Eu acho que no Vesúvio. Será que vocês vão ficar muito chateados se hoje eu não contar nada sobre o Vesúvio? [...] (BENJAMIN, 2015, p. 217).

Enfim, em seus programas o autor realmente procurava estabelecer um diálogo com seu público, sempre acreditando no potencial das crianças em refletir sobre a realidade que as cercam. Além do diálogo, outra característica veemente dos programas de Benjamin é a narrativa. Podemos afirmar que a importância que ele dava ao ato de narrar histórias está relacionada à mãe. Vejamos a citação a seguir:

A ternura com a qual o filho relembra a sua relação infantil com a mãe se intensifica pelo fato de que ele atribui a ela os poderes arcaicos do contador de histórias, a capacidade de transmitir experiências e curar doenças, da qual ele faz luto no ensaio "O narrador", de 1936, considerando-a como há muito tempo perdida na modernidade. (WITTE, 2017, p. 16).

Portanto, ao observarmos a citação acima podemos perceber que as narrativas estão ligadas à capacidade de curar e de transmitir experiências. Nesse sentido, concluímos que narrativa e experiência estão intrinsecamente relacionadas em Benjamin. Por fim, podemos afirmar que é por este motivo também que os programas radiofônicos desse autor contribuem para a formação dos ouvintes.

Na obra de Benjamin discutida acima falamos sobre a relação desse autor com as crianças e jovens em seus programas radiofônicos, como também sobre os conceitos de narrativa e experiência. Levantaremos agora os pontos que, para nós são mais importantes, do livro de Benjamin intitulado *Infância berlinense: 1900 (2013)*. Neste livro o autor nos conta a sua experiência como criança. De acordo com Witte (2017), Benjamin terminou esse trabalho provisoriamente em 1932, entretanto, ele só foi publicado como livro em 1950 em uma edição organizada por Theodor Adorno.

Podemos afirmar que o assunto mais recorrente nesta obra é sobre a instituição escolar e seu caráter extenuante. No texto intitulado *A febre* podemos observar a visão de Benjamin acerca da escola de sua época. O autor relata que em sua infância ficava doente muitas vezes e, dessa forma, tinha que faltar das aulas para se recuperar. Vejamos a citação a seguir:

Imperceptivelmente, tal como a princípio se tinha insinuado em mim, a doença ia-se embora. Mas quando eu já estava pronto para esquecê-la de vez, recebia dela uma última saudação na caderneta de notas. Nela vinham assinaladas em rodapé as aulas a que eu tinha faltado. Essas não me pareciam, de modo algum, horas cinzentas e monótonas como aquelas a que assistira, mas perfilavam-se como as fitas coloridas ao peito dos inválidos. Na verdade, a anotação "Faltou a cento e

setenta e três horas de aula” era, aos meus olhos, a imagem viva de uma longa fila de condecorações. (BENJAMIN, 2013, p. 91).

A citação acima nos faz perceber como a instituição escolar, para uma criança, era enfadonha. As horas das quais Benjamin havia faltado, não haviam sido horas cinzentas e monótonas como as horas de aula assistidas por ele. Enfim, essas horas que na visão da escola foram “perdidas” eram para Benjamin motivo de condecorações. Essa visão do autor acerca do ambiente escolar é bem atual, pois, muitas crianças ainda possuem essa visão nos dias de hoje, já que, na maioria das vezes, elas não sentem-se atraídas por esse espaço. Podemos observar essa questão no texto intitulado *Biblioteca escolar*. Nele Benjamin fala acerca dos livros distribuídos na escola, que segundo ele poderiam ser:

[...] reconfortantes ou aterrorizantes, monótonos ou excitantes, nada acrescentava ou diminuía a sua magia. Pois esta não dependia do seu conteúdo, estava toda naquele quarto de hora que me garantia e me fazia suportar o sacrifício da **árida vida escolar**. (BENJAMIN, 2013, p. 151-152, grifo nosso).

Podemos observar na citação acima como a escola era entediante na maior parte do tempo. Benjamin utiliza a palavra “árida” para descrevê-la, ou seja, a instituição escolar não era um ambiente favorável para a aprendizagem e é nesse sentido que dissemos que as crianças não se sentem atraídas por esse espaço

Enfim, podemos concluir que o ambiente escolar aos olhos de Benjamin, era enfadonho, cansativo, monótono, punitivo, desinteressante, árido, sem sentido e, a nosso ver, um local docilizado, como diria Foucault. Acreditamos que essa visão ainda está presente nos dias atuais, as crianças não são ouvidas, respeitadas e vistas em sua singularidade, a escola ainda não é um espaço de emancipação, mas sim de reprodução. Acreditamos que a escola, nesse sentido, sob a perspectiva de Benjamin, deve ser um lugar de diálogo, um lugar onde se possa pensar com o outro para, dessa forma, chegar a desenvolver novas interpretações/visões sobre o mundo ao nosso redor.

O livro *Infância berlinense: 1900* além de nos mostrar uma visão crítica sobre a educação nos mostra também algumas características do ser criança e da infância. Através dele, podemos observar o quão importante eram os livros para Benjamin. No texto denominado *A febre* podemos observar essa questão da leitura. Nele, o autor diz que ficava muitas vezes doente, como já falamos acima, e nesses momentos as pessoas a sua volta o proibiam de ler. Em suas palavras:

A minha cama, normalmente o lugar da mais recatada e tranquila existência, ganhava agora foros de lugar público de prestígio. Deixava de ser, por muito tempo, o território de atividades secretas à noite: a leitura ou o meu jogo das velas. Debaixo da almofada não estava agora o livro que todas as noites, na velha tradição das proibições, lá enfiava, recorrendo às minhas últimas forças. (BENJAMIN, 2013, p. 88)

Com base na citação acima podemos perceber que os livros faziam parte da vida do autor e como a leitura era algo importante para ele, portanto, o amor pelos livros é uma característica do ser criança neste autor. Outro ponto que nos chamou a atenção nessa citação foi a solidão. A nosso ver, na maioria das memórias da infância de Benjamin ele está sozinho e as “atividades secretas à noite”, como ele mesmo disse, só eram realizadas quando as pessoas não estavam por perto. Portanto, consideramos que a brincadeira, no autor, está relacionada à solidão. Outra característica do ser criança que encontramos nesse livro é a imaginação. Vejamos a citação a seguir:

A medição da temperatura cansava-me. Depois disso, gostava de ficar sozinho para me dedicar às minhas almofadas. Num tempo em que as colinas e os montes não me diziam ainda muito, já me eram muito familiares os cumes das almofadas. Havia uma cumplicidade que me ligava às forças que os fizeram nascer. Assim, por vezes dispunha-as de modo a fazer nascer nessa parede montanhosa uma gruta. Rastejava lá para dentro, puxava a coberta por cima da cabeça e voltava o ouvido na direção dessa garganta escura, alimentando de vez em quando o silêncio com palavras que regressavam em forma de histórias. Outras vezes, os dedos entravam no jogo e representavam também uma cena; ou então brincavam às lojas, e por trás do balcão formados pelos dedos médios, os mínimos acenava afanosamente ao freguês que era eu próprio. (BENJAMIN, 2013, p. 89-90).

Como vimos acima a imaginação faz parte do ser criança em Benjamin. Veremos também mais adiante na obra *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2009) que a imaginação é a condição para que a brincadeira ocorra. Acreditamos que o amor por histórias também é característico da criança de Benjamin. Esse amor, segundo ele, foi desenvolvido por sua mãe. No texto intitulado *A febre* podemos observar como o autor ansiava por ouvir histórias. Vejamos a citação a seguir:

A forte torrente que as enchia atravessava o próprio corpo, arrastando consigo os sintomas da doença como despojos à deriva. A dor era um dique que só a princípio resistia à narrativa; mais tarde, quando esta ficava mais forte, era engolida pelo abismo do esquecimento. As carícias preparavam o leito dessa torrente. Eu gostava delas, porque da mão da mãe gotejavam já as histórias que depois iria ouvir de sua boca. Foram elas que me revelaram o pouco que vim a saber sobre a minha família. Evocava-se a carreira de um antepassado remoto, as regras de vida do avô, como se me quisessem fazer ver que seria precipitado abdicar, por uma morte prematura, dos grandes trunfos que a minha linhagem me punha na mão. (BENJAMIN, 2013, p. 89).

Portanto, podemos afirmar que a importância que Benjamin dá à experiência e à narrativa está relacionada a sua mãe, de certa forma.

Na obra discutida acima falamos sobre a visão que Benjamin possuía enquanto criança acerca da instituição escolar, bem como sobre as características mapeadas no livro, do ser criança neste autor. Portanto, a obra acima explicitada nos mostra a experiência de ser criança de Benjamin.

Passaremos agora à discussão do livro, do autor em questão, intitulado *Reflexões*

sobre a criança, o brinquedo e a educação (2009). Os ensaios que o compõem foram escritos entre os anos de 1913 a 1932. Começaremos a falar, a priori, sobre a questão dos brinquedos. Em seu texto intitulado *Velhos brinquedos. Sobre a exposição de brinquedos no Märkische Museum*, Benjamin afirma que a produção dos brinquedos era realizada, no início, em diversos lugares. Nesse sentido, era possível encontrar brinquedos em oficinas de marcenaria, em oficinas de ferragens e até mesmo na confeitaria. De acordo com o texto *História Cultural do brinquedo* foi somente no decorrer do século XVIII que começou a surgir o anseio de criar uma indústria própria para a fabricação de brinquedos. Benjamin problematiza a indústria de brinquedos. Segundo ele, o que esta produz, muitas vezes, é aquilo que o adulto gosta de conceber como brinquedo sem levar em consideração as exigências das crianças em relação a este:

Meditar com pedantismo sobre a produção de objetos - material ilustrado, brinquedos ou livros - que devem servir às crianças é insensato. Desde o Iluminismo isto é uma das mais rançosas especulações dos pedagogos. A sua fixação pela psicologia impede-os de perceber que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças. [...] estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um mundo pequeno inserido no grande. Dever-se-ia ter sempre em vista as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças [...]. (BENJAMIN, 2009, p. 103-104).

Com base na citação acima podemos afirmar que os adultos possuem uma visão equivocada da infância. Assim acreditamos que para tentar compreender a criança se faz necessário entrar no mundo dela, se faz necessário ouvi-la. Benjamin, ainda em seu texto denominado *História Cultural do brinquedo*, continua desconstruindo as visões distorcidas que possuímos, muitas vezes, acerca do universo infantil. Ele afirma que ao contrário do que pensávamos é a criança quem determina a brincadeira e não o brinquedo. Nesse sentido, acreditamos que a brincadeira está intrinsecamente ligada, neste autor, à imaginação. Em suas palavras: “A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda.” (BENJAMIN, 2009, p. 93). Portanto, podemos afirmar que é a criança que define do que quer brincar e ao brincar faz uso da imaginação.

Segundo Benjamin (2009), existem alguns brinquedos autênticos que podem estimular sim a imaginação. No texto em questão ele nos dá como exemplo a o arco, a roda de penas, a pipa e a bola. Entretanto, como já vimos acima, os brinquedos produzidos pelos adultos, na maioria das vezes, fogem ao que de fato as crianças concebem como brinquedo. Benjamin então nos alerta dizendo que:

[...] quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva. (BENJAMIN, 2009, p. 93).

É preciso, portanto, a nosso ver, estar atento, para saber se realmente o que nos é apresentado como brinquedo o é de fato.

O autor nos fala também, em seu texto *Velhos brinquedos. Sobre a exposição de brinquedos no Märkische Museum*, sobre o brincar, nos mostrando a relação que este pode ter com a criança e o adulto. Vejamos:

Não se trata de uma regressão maciça à vida infantil quando o adulto se vê tomado por um tal ímpeto de brincar. **Não há dúvida que brincar significa sempre libertação.** Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada. A banalização de uma existência insuportável contribuiu consideravelmente para o crescente interesse que jogos e livros infantis passaram a despertar após o final da guerra. (BENJAMIN, 2009, p. 85, grifo nosso).

Como podemos observar na citação acima, as crianças ao brincar, criam um mundo próprio, criam um pequeno mundo inserido no grande. Já os adultos, a nosso ver, ao brincar reproduzem o mundo real de forma miniaturizada. Entretanto, ambos fazem da brincadeira uma libertação.

Além de todas as temáticas já abordadas acima, o livro em questão nos fala também sobre a relação da criança com os livros. No texto intitulado *Visão do livro infantil* podemos observar essa relação. Vejamos a citação a seguir:

Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando - a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico. Diante de seu livro ilustrado, a criança coloca em prática a arte dos taoistas consumados: vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se por entre os tecidos e bastidores coloridos, adentra um palco onde vive o conto maravilhoso. (BENJAMIN, 2009, p. 69).

Com base na citação acima e de acordo com nossa compreensão, podemos afirmar que a criança ao ler entra na história, participa desse mundo.

O texto de Benjamin intitulado *Velhos brinquedos. Sobre a exposição de brinquedos no Märkische Museum* também nos faz refletir sobre o paradoxo que existe, muitas vezes, na relação adulto-criança. Os adultos querem que as crianças sejam sujeitos completos, no entanto, escondem grande parte das coisas delas. Dessa forma, se queremos que as crianças se tornem sujeitos completos, elas devem saber de tudo, devem conhecer, também, o lado obscuro da humanidade. É nesse sentido que acreditamos que Benjamin diz que “A criança exige do adulto uma representação

clara e compreensível, mas não ‘infantil’”. (BENJAMIN, 2009, p. 55).

Por fim, consideramos que seja importante falar sobre o texto do autor intitulado *Programa de um teatro infantil proletário* contido também no livro em questão. Asja, conforme esse texto, em 1918 criou uma companhia de teatro infantil em Orel, Rússia. Entretanto, após dez anos ela planejou dar continuidade a essa sua companhia em Berlim. Foi Benjamin que escreveu o programa desse teatro procurando dar um embasamento teórico. A segunda versão escrita por ele ficou conhecida então como *Programa de um teatro infantil proletário*. Esse texto nos mostra a importância que esse teatro tem para a formação das crianças provenientes da classe do proletariado. Nele, o autor faz uma crítica à educação burguesa:

[...] no clube infantil nenhum diretor poderia sustentar-se se quisesse empreender a tentativa genuinamente burguesa de influir sobre as crianças, de maneira imediata, enquanto “personalidade moral”. [...] A coletividade das próprias crianças encarrega-se de executar os inevitáveis ajustes e correções morais. (BENJAMIN, 2009, p. 114-115).

Na citação acima podemos observar novamente a visão de Benjamin acerca da educação burguesa. Essa educação, de acordo com nossa compreensão, possui hierarquias e é também punitiva. O autor nos propõe então, através desse texto, uma educação totalmente diferente que, para nós, dá voz às crianças. Nessa educação adultos e crianças tanto aprendem como ensinam.

Por fim, consideramos que a obra de Benjamin discutida acima nos proporciona compreender melhor as visões distorcidas que, muitas vezes, o adulto tem com relação à criança, como também nos proporciona compreender melhor a história dos brinquedos, a relação da brincadeira com a imaginação, o brincar, a relação da criança com os livros e a educação.

4 | CONCLUSÃO

Acreditamos que todas as obras de Benjamin, acima explicitadas, contribuem para que formemos uma nova concepção de infância e do ser criança. Para este autor, ao contrário do que muitos adultos pensam, as crianças possuem a capacidade de compreender e refletir, criticamente, sobre o mundo ao seu redor. Dessa forma, não devemos subestimá-las. Portanto, a nosso ver, esse é o maior ensinamento que as obras de Benjamin nos trazem.

Nosso objetivo, nesse momento, é descrever as conclusões a que chegamos sobre a relação de Benjamin com as crianças. Nesse sentido, concluímos que o falar com crianças, nesse autor, é narrar o mundo e tudo que há nele a elas. É vê-las como integrantes da sociedade. Para Benjamin, de acordo com nossa compreensão, a fala com as crianças se dá por meio do diálogo. O adulto deve procurar pensar como elas. Concluímos que para este autor a criança é aquela que se encanta e questiona o mundo ao seu redor, é aquela que possui a capacidade de compreender a realidade

que a cerca.

Além de refletir sobre a relação de Benjamin com as crianças, mapeamos também algumas características do ser criança para ele. Concluímos, dessa forma, que a leitura é a característica mais veemente do ser criança para este autor. Os livros faziam parte de sua vida, como já vimos acima. Portanto, a nosso ver, a criança, em Benjamin, é leitora. O amor por histórias, a brincadeira e a imaginação também são características dos pequenos. Observamos que na maioria das memórias de infância do autor, ele está sozinho, como também sempre que brincava, logo a solidão, de acordo com nosso entendimento, também é característica da infância e do ser criança em Benjamin.

Por fim, acreditamos que a leitura das obras desse autor é de suma importância para os educadores atuais, já que nos permite, como já dissemos, desenvolver uma concepção mais crítica sobre a criança e a educação. Dessa forma, podemos afirmar que na perspectiva de Benjamin, a nosso ver, a escola deve ser um *lócus* de formação e de emancipação. O diálogo, nesse sentido, deve ser estimado. Portanto, seguindo o caminho desse autor acreditamos que nós educadores podemos contribuir para que a instituição escolar seja deveras um ambiente onde se possa pensar com o outro, um ambiente em que o pensar autêntico seja estimulado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Televisão e formação. In:____. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1955, p. 75-95.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças narrativas radiofônicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In:____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Editora Autores Associados, nº 19, Jan./Fev./Mar./Abr., 2002.

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin: uma biografia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-391-0

